



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Balanço do Banrisul

O maior salão da Sogipa foi pequeno para abrigar as centenas de pessoas que foram conferir a apresentação do balanço 2026 do Banrisul, na noite de quarta-feira, trabalho apresentado pelo presidente Fernando Lemos. Para começar a conversar, o lucro líquido atingiu R\$ 1,6 bilhão, um recorde na história do banco. No entender deste colunista, um banco não vive só de grandes feitos como este. Os detalhes os valorizam, como o fato do fim das portas giratórias para entrar no Banrisul. Convenhamos, era uma chatice em nome de uma segurança duvidosa.



FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC

Propaganda antecipada

A Comunicação do governo proibiu a presença de ministros no desfile de domingo da escola Acadêmicos de Niterói temendo que a Justiça Eleitoral encare como sendo propaganda antecipada de Lula. Ora, o tema da escola é “Lula, Operário do Brasil” além de a primeira-dama Janja desfilar em carro alegórico. Tem propaganda mais antecipada que essa?

Polo Norte, Polo Sul

As pesquisas mostram que o governador Tarcísio de Freitas é o franco favorito nas eleições para governador de São Paulo. Enquanto isso, o senador Flávio Bolsonaro se aproxima de Lula, segundo as últimas pesquisas. Ao menos por enquanto, o Brasil de todos os males não consegue escapar da polarização.

É grave a crise

Com as denúncias envolvendo o ministro Dias Toffoli, não tem mais como esquentar o forno de assar pizzas. O vírus se espalhou para tudo quanto é lado e também começam a aparecer interfaces com o escândalo dos descontos indevidos do INSS e sabe-se lá o que mais está argolado com o Master e negócios escusos, envolvendo até mais que meia República. Nunca mais haverá um Carnaval como esse.

Para ontem

O presidente do STF, ministro Edson Fachin, parece ser um homem decente. Provou isso ao colocar como ponto de honra da sua gestão a elaboração de um código de conduta para seus pares, mas já não basta. Ele precisa cortar a carne da instituição para mostrar que o Brasil não é só uma casa da sogra. Já fomos alvo de comentários irônicos da mídia internacional sobre como toleramos esses procedimentos. É interesse até da Presidência da República. Caso o presidente Lula se omita, sob a desculpa de que é atribuição de outro Poder, estará sendo conivente.

Parente é serpente

De repente vem à mente um filme de 1992, Parenti serpenti, um filme italiano de humor sarcástico de 1992, escrito e dirigido por Mario Monicelli. Tudo a ver com as ligações perigosas de hoje, que permeiam os recentes acontecimentos, do Master à CPI do INSS. Por sinal, é nome de outro filme célebre, “Les liaisons dangereuses” (1988). A vida imita a arte.

E se?

Em meados do ano passado, o presidente Lula falou que se ele tivesse saúde concorreria à reeleição. Depois surgiu uma versão, aparentemente saída de alguém do círculo palaciano, de que a tradução da frase era outra, que ele se fardaria para entrar em campo se as pesquisas o colocassem como favorito. Considerando as últimas e levando em conta o alto nível de rejeição do seu governo, Lula bota o time em campo ou escala Fernando Haddad ou outro poste do governo?

Novo patrocinador

O Grêmio ganha um importante aliado na temporada: a Havan, uma das maiores redes de lojas do Brasil. A marca passa a patrocinar o Clube e estará estampada na manga da camisa tricolor.

HISTORINHA DE SEXTA

A cidade que desapareceu

Todas as cidades do Rio Grande do Sul tiveram seu tempo de glória com os clubes sociais, e quando eles acabaram também surgiram tempos mais tumultuados e o aparecimento das chamadas boates, hoje danceterias. Estas sociedades marcavam a divisão de categorias sociais, e, em regra, os associados pertenciam à classe média à alta. Na Capital, os mais famosos foram Teresópolis Tênis Clube, Clube do Comércio, Petrópolis Tênis Clube, Leopoldina Juvenil (o mais disputado e chique), entre tantos outros. O padrão era mais ou menos o mesmo, calendário fixo de bailes, restaurante, salão de baile e uma pista de dança menor para as chamadas reuniões dançantes. Tudo propiciava o início de namoros que terminavam em casamentos. Dançava-se de rosto colado, com contatos físicos mais joviais, mais afastados.

Para ser sócio pagava-se “joia”, um valor que dependia da condição social do clube. Quanto mais alto o padrão, maior a joia e mais cara a mensalidade. Nas praias, a demanda maior era durante o veraneio e, dentro dele, os bailes de Carnaval. Eram famosos os da Sociedade Amigos da Praia de Torres (SAPT), da Sociedade Amigos de Capão da Canoa (SACC) e da Sociedade Amigos de Tramandaí (SAT). Só as famílias de renda mais alta podiam ser sócias de dois clubes sociais, um na cidade de origem e outro na praia de preferência. Para os jovens não-associados, o recurso era furar o baile enganando o porteiro, uma arte dominada pelos mais espertos.

Nos bailes de Carnaval o combustível era o lança-perfume. Conferia um clima mágico para o chamado tríduo momesco. O preferido era o Rodouro, éter perfumado fabricado pela Rhodia, considerado o melhor e, por isso, o mais caro. A ideia era enviar um jato dirigido às costas das mulheres e foliões, até que alguém resolveu cheirar lança-perfume embebido em um lenço - todo mundo usava lenço naqueles tempos. O efeito era parecido com embriaguez temporária, em que, após uma inspirada profunda se ouvia algo como um sino cadenciado dentro da cabeça. Cheirar lança-perfume virou mania nacional, até que as autoridades proibiram sob alegação de que era viciante. O que lembro é que dava uma ressaca medonha.

Os substitutos do lança-perfume, de resto usado apenas durante o Carnaval, passaram a ser psicotrópicos. A maioria era ingerida para ficar acordado, por isso, muito usados por estudantes que passavam as noites estudando para o vestibular. Misturado com álcool potencializava o efeito. Estes sim eram viciantes, ainda mais porque podiam ser tomados o ano inteiro. Foi assim que começaram os traficantes de drogas. A cocaína era desconhecida e restrita aos milionários, que tomaram conhecimento dela no exterior. Pobre fumava maconha, e ser chamado de maconheiro era uma desgraça que afastava as garotas da sociedade. Claro que o álcool era o combustível nacional. Uísque era caro, mesmo o nacional. Bebia-se espumante, então chamado de champanhe. Baldes cheios de gelo ficavam em cima das mesas, de preferência à beira da pista e em um lugar mais elevado, onde pulavam aqueles casais que não queriam ser atropelados na pista. A rapaziada com menos grana rachava um litro de uísque entre quatro. As taças eram um atentado logístico, pouco profundas e com boca mais larga que jacaré boquirroto. As borbulhas desapareciam em segundos, não sem antes fazer cócegas no nariz. Mas era chique beber “champanhe”, que os colunistas sociais chamavam “champã”, para mostrar intimidade com a bebida que o assalariado só bebia no Carnaval e no Ano Novo. Invariavelmente, bailes de Carnaval ou fora dele sempre terminavam com brigas, algumas criando inimizades eternas. Quando os clubes sociais entraram em decadência, as cidades já eram diferentes, mais violentas, menos amistosas, geradoras de solidão. No caso de Porto Alegre, foi também o fim da Rua da Praia dos anos dourados, do footing, das meninas da Sloper, dos grupos onde se contava a última piada da praça, do cafezinho do Rihan, do sanduíche de pernil do Matheus, dos cinemas classudos como o Cacique, o Rex, o Imperial e o Guarani, da Casa Masson, da Casa Lyra, da Casa das Sedas, das vitrines iluminadas à noite sem temor de serem quebradas. O som do último bonde nos trilhos foi o prenúncio do fim de uma Porto Alegre e o começo de outra, uma cidade hostil sem o charme e o encanto da primeira.